

O EXORCISMO DE SÃO TRIFÃO MÁRTIR¹

Louis Arnaud²

1. O *Eucolégio*, contendo os vários ofícios que constituem, por assim dizer, o missal e o ritual da Igreja Grega, apresenta uma série de preces: prece sobre um terreno, prece sobre a colheita, prece para abençoar uma rede de pesca, prece antes de cavar um poço, prece sobre o sal, entre outras; que são interessantes de ser comparadas com as bênçãos análogas do Rito Romano, a *benedictio putei*, a *benedictio super fregus et vineas*, entre outras. No Rito Bizantino, essas orações costumam ser bem curtas. Nelas não há nada particularmente especial em estilo ou conteúdo, e suas origens são quase sempre desconhecidas. Elas foram introduzidas durante a Idade Média (Pargoire, 1905, p. 352), mas algumas, sem dúvida, remontam à mais alta Antiguidade. Os primeiros eucolégios impressos, ou os mais completos, como o de

¹ Originalmente publicado em: *Échos d'Orient*. Istanbul & Paris, Instituto Kadiköy & Maison de la Bonne Presse, v. 12, n. 77, 1909, pp. 201-205. Disponível em <https://tinyurl.com/2p8sjwr7> (acesso: dez. 2022). De acordo com as legislações brasileira, turca e francesa em vigor a respeito dos direitos autorais, o texto encontra-se agora já em domínio público. Tradução do texto, formatação e eventuais notas adicionais por Alfredo Bronzato da Costa Cruz. Agradeço encarecidamente ao amigo Carlos Humberto Pimentel Duarte da Fonseca por ter a gentileza e disponibilidade de ajudar-me a fazer a revisão do material apresentado, cotejando minha versão com o artigo original. Eventuais erros aqui constantes, contudo, são claramente de minha inteira responsabilidade.

² Descobrimos poucas informações sobre este autor; seu nome, de fato, é bastante comum, o que trouxe alguma dificuldade adicional ao caso. Jornalista, correspondente em Atenas do diário parisiense católico *La Croix*, cobriu a serviço deste as Guerras dos Balcãs (8 out. 1912 a 10 ago. 1913). Publicou dezesseis artigos mais ou menos curtos entre 1909 e 1913 na revista *Échos d'Orient*, então ligada ao Instituto Kadiköy, sediado em Istanbul e dirigido pelos assuncionistas franceses. Alguns de seus artigos dedicam-se à questão dos neomártires gregos (três de dezesseis), mas a maior parte (oito de dezesseis) volta-se à descrição e análise de fenômenos ocorridos na franja em que se sobrepunham os costumes litúrgicos ortodoxos de matriz bizantina e a religiosidade popular greco-balcânica. Não foi possível obter informações sobre a sua data ou local de nascimento ou falecimento até a redação da presente nota, nem se ele era leigo ou clérigo. Agradeço imensamente a Luis Felipe Lobianco por ajudar-me na busca por mais dados sobre a respeito deste personagem.

Goar, contêm estas peças. Várias, até mesmo por falta de uso, contudo, acabaram por cair no esquecimento.

Entre estas rogações, há uma que se afasta singularmente das demais de seu gênero, a tal ponto que, depois de estudá-la com cuidado, fica-se quase surpreso que a Igreja Oriental a tenha, afinal, mantido em seus eucológios. Trata-se do exorcismo de São Trifão, o Mártir. Seu título exato é “Prece a ser proferida sobre um campo, vinhedo, pomar ou jardim que seja propenso a ser danificado por répteis ou outras espécies de animais” (Εύχολόγιον το Μέγα, 1902, p. 525). Aqui está a tradução desta rogação, ou pelo menos de sua maior parte. As passagens não traduzidas foram indicadas por reticências. A prece tem cerca de cento e vinte linhas, com oito ou nove palavras por linha. Ela comporta por três partes bem distintas, a saber, uma oração de abertura, o exorcismo em si mesmo e uma oração de encerramento.

A Divina Liturgia é celebrada após o acendimento de uma lamparina diante dos ícones de São Trifão, de Santo Eustáquio, de São Julião da Líbia, ou de ao menos dois destes três.³ Depois da Eucaristia, o sacerdote, tendo tomado o óleo destas lâmpadas e a água benta no dia da Epifania, mistura os líquidos e asperge-os, traçando uma cruz, sobre o campo, a vinha, o pomar ou o jardim que pretende abençoar, enquanto recita as seguintes orações.

O padre: Em paz, oremos ao Senhor!

O povo: Senhor, tende piedade de nós!

O padre: No princípio, Senhor, nosso Deus, criastes o céu e a terra (...); e embelezastes esta terra com a turfa, com a grama, com os arbustos e com uma grande variedade de plantas e de sementes que se desenvolvem e dão flores e frutos (...). Senhor, do alto de tua santa habitação, lança neste momento o teu olhar sobre esta propriedade e tudo o que há nela e abençoa-a. Guarda-a de todos os sortilégios, de todos os feitiços, de todos os encantamentos, protege-a e a seus donos do mal, das artes mágicas e de todos os artifícios dos homens perversos. Concedei que, ao tempo devido, possa produzir frutos abençoados, e remove de toda a sua extensão e profundidade todos os animais indesejados e todos os répteis, todas as pragas e todas as doenças. Porque és o detentor de todo o poder e nós Te rendemos

³ Santo Eustáquio é homenageado pela Igreja Bizantina no dia 20 de setembro, enquanto a memória de São Julião é comemorada no dia 21 de junho. Há, contudo, um equívoco nesta seção: São Julião é um mártir da Cilícia, não se tendo registro na tradição bizantina de nenhum São Julião da Líbia

glória, Pai, Filho e Espírito Santo, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

O povo: Amém.

O padre: Certo dia, na aldeia de Lâmpsaco, enquanto eu, Trifão, conduzia às águas meus patos e gansos, a ira de Deus todo poderoso abateu-se sobre a terra e caiu sobre esta aldeia e as aldeias vizinhas. Ela caiu sobre os campos, sobre os vinhedos, sobre os pomares, sobre os jardins e sobre os caminhos; e as pétalas das flores e as massas dos frutos apodreceram, secaram e foram destruídas em um único instante. E eu, miserável Trifão, vendo todos os frutos apodrecidos e, por isso, os camponeses arruinados, porque tudo naquele trecho de terra estava condenado à destruição, os frutos da terra, os campos, as vinhas, os pomares, os jardins, as hortaliças, os arbustos e as diversas árvores, enchi-me de tristeza e, prostrando-me, roguei ao Senhor, nosso Deus, que nos poupasse daquele mal e afastasse ou destruísse todos os animais que prejudicavam as hortas, os campos, as vinhas, os pomares, os jardins e todas as plantações dos camponeses, especialmente daqueles que viviam na aldeia junto ao lago para o qual havia conduzido meus animais e que vieram implorar-me que os ajudasse de alguma forma. § E (...) do seu Paraíso, Deus enviou um anjo para abater toda espécie de bestas e malvadas feras, aquelas que prejudicam as vinhas, os campos, as vinhas, os pomares, os jardins e todas as plantações de seus servos. E Ele, o Senhor, conhece bem os nomes dessas bestas; e são elas: as lagartas, as minhocas, as mariposas, os besouros, os gafanhotos, as moscas, os grilos, os mosquitos, as lagartas peludas, as aranhas, os percevejos, os opiliões, as formigas, os piolhos, as larvas, os pulgões, os carunchos, os gorgulhos, as traças, os caracois, as lesmas, as centopeias e outras tantas que se fixam nas uvas, nas flores, nas frutas, nas folhas das plantas e em seus troncos, fazendo com que apodreçam, sequeiem e se tornem inúteis. Então as conjurei e obriguei pelo exorcismo a se retirarem e a não mais voltarem a essa terra, a desaparecerem do país daqueles que imploraram pela minha ajuda, a partir e, sem demora, irem se esconder em lugares inacessíveis aos homens.

E o padre continua: Desta forma, eu vos conjuro, em nome das miríades de querubins de incontáveis olhos, em nome dos inumeráveis serafins de seis asas que voam ao redor do Trono de Deus, cantando e clamando sem cessar: “Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus dos Exércitos!”

O povo: Amém.

O padre: Conjuro-vos em nome dos santos anjos (...), determino e ordeno-vos: não danifiqueis as vinhas, nem os campos, nem os pomares,

nem os jardins, nem as hortas, nem quaisquer plantações do servo de Deus, <acrescenta-se aqui o nome do proprietário do terreno em questão>; mas parti, ide sem demora para os lugares selvagens e desérticos, passai às árvores que não dão fruto e que não podem favorecer os homens, àquelas nas quais Deus provê também o vosso refúgio e alimento cotidiano. Eu vos conjuro em nome do Corpo sagrado e do preciosíssimo Sangue de nosso Senhor, Jesus Cristo, verdadeiro Deus, Salvador do mundo (...). E caso vos recuseis a ouvir-me, caso vos obstineis em aqui permanecer e violar o mandato que neste momento levanto contra vós, sabeis desde agora que não seria contra mim, Trifão, um miserável pecador, que estaríeis agindo, mas contra o Deus altíssimo, o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, o criador e o sustentador de todas as coisas, que um dia haverá de julgar os vivos e os mortos. Portanto, retirai-vos, parti (...); se acaso não me fizerdes caso, se acaso não me obedecerdes, rogarei ao Senhor que me envie o seu anjo, aquele que preside as feras e comanda as bestas, para que venha e, com a espada e o flagelo, amarre-vos e mate-vos, porque vós transgredistes aquilo que determinou o exorcismo do humilde Trifão e não fizestes caso de sua humilde oração, desprezando aquilo que vos disse. Além disso, sabeis que os pássaros, enviados do céu a meu pedido, irão devorar-vos todos. Desta forma, mais uma vez vos conjuro e vos exorcizo, vos conjuro e vos exorcizo pelo Grande Nome que foi escrito na pedra, naquela pedra que não resistiu, mas estilhaçou-se e derreteu-se como cera à aproximação do fogo que tudo consome. Portanto, que vós saiais daqui; parti e ide-vos para onde vos disse, para regiões inacessíveis aos homens (...); deixai neste momento esta terra, na qual habitam os servos de Deus (...), afim de que as orações do humilde Trifão, sendo ouvidas no Trono de Deus, possam ser cumpridas. Que assim se faça, em nome de Deus uno e trino, Pai, Filho e Espírito Santo, Trindade consubstancial e indivisível.

O povo: Amém.

O padre: Paz a todos.

O diácono: Inclinaí vossas cabeças diante do Senhor!

O povo: Senhor, tem piedade de nós!

O padre: Senhor Jesus Cristo, nosso Deus, que abençoaste Belém e Getsêmani e, antes disso, a Casa de Jacó e a Casa de Davi, abençoa também esta propriedade e tudo o que há nela, e faz com que, assim bendita, produza frutos de bênção. Pela intercessão da bem-aventurada Virgem Maria (...), pelo poder da vivificante e santíssima Cruz de nosso Senhor, pela proteção dos poderes celestes e dos gloriosos santos mártires Trifão, Eustácio e Julião, de santo/a <acrescenta-se aqui o nome do/a padroeiro da região> e de todos os santos e santas que Te louvam

pelos séculos dos séculos, isso Te pedimos, ó Deus altíssimo e todo poderoso, que vives e reinas eternamente.

O povo: Amém.

2. A primeira observação a fazer é que, apesar da rubrica λέγει τάς εὐχάς ταύτα, existem, de fato, combinadas neste texto, duas bênçãos de épocas, espíritos e tipos completamente diferentes. A oração preliminar por si só constitui uma bênção completa, semelhante às quais foram antes dados alguns dos títulos. Há apenas uma breve alusão aos insetos nocivos, e é especialmente contra os artifícios da magia e da feitiçaria que o cristão pede para ser protegido. O estilo é elegante e preciso, sem palavras ou extensões desnecessárias.

Mas, na oração final, tudo é bem diferente. Ela é inteiramente concebida no sentido da rubrica e do exorcismo. O autor nomeia os três mártires, Trifão, Eustáquio e Julião; procede como no exorcismo por enumeração ou justaposição; tem a mesma estranheza de estilo e composição; recorda, por exemplo, as bênçãos de Belém e do Getsêmani antes daquelas de Jacó e de Davi, ao contrário do uso litúrgico. As duas frases que contêm a bênção em si mesma parecem ter sido emprestadas ou reescritas desde a primeira oração. Acima de tudo, a expressão τό κτήμα τούτο, *essa propriedade*, parece ser significativa.

Tais coisas permitem, ao que parece, concluir que uma benção agrária muito antiga foi reunida ao exorcismo atribuído ao mártir Trifão, sendo o ambiente da vida deste o que permitiu que as duas orações fossem encadeadas sob o mesmo título. Existe no Ritual Romano uma bênção quase que exatamente correspondente a esse exorcismo, incluindo também as duas orações: é a *benedictio agrorum ad abigendum locustas et ali animalia fruges corrodentia*. A comparação entre ambos os textos evidencia a sua quase completa analogia. Quanto ao gênero das invocações, contudo, se excetuarmos o discurso que precede a história de Trifão, curiosamente narrada na primeira pessoa, é o mais diferente possível.

No início, a última oração invoca somente Jesus Cristo, enquanto na doxologia final o exorcismo dirige-se ao próprio Deus altíssimo. Ela lista vários outros santos, deixando um papel para Trifão que talvez seja até secundário, posto que ele se encontre submerso em um triunvirato com Eustácio e Julião. Contudo, parece possível que esta tenha sido composta pelo mesmo redator da narrativa em primeira pessoa. Desta, notamos, sem dúvida, a aparência e o tom singulares. Já Goar (1647, p. 696) ficou surpreso ao encontrar tal oração em um

livro oficial da Igreja.⁴ O estilo dificilmente ganha em ser comparado ao da primeira oração. Os meios que o redator utiliza para estender sua obra, a sinonímia, a redundância, a repetição e a acumulação, são provenientes de uma retórica bastante infantil. Ele, novamente sem sombra de dúvida, esgotou seu poder de invenção verbal na enumeração das frutas, das plantas e dos seus modos de perecer. Um detalhe quase encantador é a lista que apresenta de insetos ou de animais nocivos à agricultura. Ali, quase certamente, apresentou tudo o que sabia no momento sobre história natural. Devo admitir tão claramente que há dois ou três nomes na série os quais não traduzi com muita segurança? Deixo ao leitor esclarecido o prazer de encontrá-los e traduzi-los como desejar. São palavras que não pertencem nem ao idioma grego clássico, nem ao seu desenvolvimento moderno; utilizadas apenas na época bizantina e talvez em uma região bastante determinada da România, são hoje desconhecidas dos próprios gregos. O léxico de Sófocles as traduz, em inglês, por paráfrases, não havendo, além disso, qualquer outra referência além do texto do próprio *Eucológico* que ajude a esclarecer o seu significado. Neste assunto, nem Goar, nem Ducange nos são de alguma ajuda.

De modo singelo, Trifão não pretende fazer qualquer mal às criaturas que ele conhece tão bem, por mais ínfimas e danosas que sejam. Ele apenas as convida a ir habitar e comer em outras partes. Mas também suspeita que elas não o ouvirão, ou não o levarão em consideração, caso não faça as mais terríveis ameaças, de que um anjo as matará, ou até mesmo de que os pássaros voarão a seu chamado para devorá-las.

E qual é o “Grande Nome que foi escrito na pedra”? É bastante difícil precisar isso, a passagem é realmente quase incompreensível e Goar, querendo ser claro, interpretou-a de uma forma claramente equivocada em relação à superfície do texto.⁵ Talvez aqui tenhamos um uso algo desajeitado de um texto dos Atos dos Apóstolos (4:11-12): “Este Jesus é a pedra que foi rejeitada por vós, os construtores (...); e debaixo do céu nenhum outro nome há.” Talvez também o vestígio

⁴ Ao tratar das orações *adversus animalibus*, o mesmo Goar (1647, p. 700) menciona diferentes tipos de exorcismos de animais. Sobre o alegado papel de Baal-Zebub, desde a mitologia a cananeia à cristã, Lagrange (1905, p. 85) conta-nos que a ausência de mosquitos em Salamanca é atribuída às preces de São João de Sahagún (1419-1479), monge agostiniano, que os exorcizou e expulsou da cidade porque o atrapalhavam nos estudos.

⁵ Cf. Goar, 1647, p. 698: “Pelo grande nome <sic>, incrustado em uma pedra, que não pode ser dela removido sem rompê-la como a cera que se derrete e parte diante do fogo.”

de uma prática supersticiosa difícil de discernir agora. Por fim, talvez tenha sido o caso de que o primeiro redator tenha, de fato, escrito algo como: “E se vós não consentirdes e resistirdes, acabarei aniquilado também desta forma.” Neste caso, essa seria, portanto, a ameaça de uma terceira forma de possível destruição.

3. O martírio de São Trifão, que teve a cabeça decepada em Niceia por volta de 250 ou 251, foi inserido por Thierry Ruinart em suas *Acta sincera*. Se acreditarmos em Tillemont (1645, p. 339 e notas correspondentes, p. 708) e em Dom Ceillier (1730, v. 2, p. 564), ele o extraíu dos fabulosos relatos de Simeão Metafrasta, de Vicente de Beauvais e de Laurentius Surius. Jacques Paul Migne (1864, col. 1311-1329) publicou as duas peças, a de Metafrasta e a de Surius.⁶ Ainda temos um hino sobre São Trifão cuja composição o Cardeal Pitra (1876, p. 435) atribuiu a um João que não ousou qualificar ou descrever de outra forma.⁷ E, num volume recente sobre São Romano, Karl Krumbacher (1907, p. 9ss e 19ss) publicou novamente o mesmo hino, sem, contudo, atribuí-lo com certeza ao famoso hinógrafo. Por fim, é possível que os tropários do ofício compostos em homenagem a Trifão também sejam bastante antigos.

Nem no hino, nem em seu ofício, nem mesmo nas suas *passiones*, entretanto, encontramos sequer a menor alusão a um exorcismo composto por São Trifão para ser transmitido à posteridade. O santo era um camponês de Lâmpsaco, guardião de patos e gansos, de costumes gentis e grande humildade. Por seu desprezo pelo luxo, recebeu do Espírito Santo o poder de curar todo tipo de doenças e expulsar os demônios. Indo a Roma, exorcizou a filha do imperador Gordiano, que tentou em vão agradá-lo concedendo-lhe muitos presentes e honras. Retornou à sua terra de origem e ao seu modesto ofício e, mais tarde, durante a perseguição de Décio, Aquilino, prefeito da Província do Oriente, fez com que fosse preso e entregue aos algozes. Depois de ter resistido a horríveis torturas durante vários dias, sua cabeça foi decepada.⁸

⁶ O texto latino dado a partir de Surius traduz e às vezes parafraseia o de Simeão Metafrasta. De modo curioso, Surius fala o lago mencionado no exorcismo, mas o texto grego nada diz a respeito disso.

⁷ Quatro estrofes de nove linhas cada. O Cardeal registrou a respeito na mesma página referida: “Bom trabalho, produto da sabedoria da velhice.” Os gregos celebram a festa de São Trifão no dia 1º de fevereiro.

⁸ As *Acta sincera* registram que ele sofreu ao mesmo tempo em que Respício. Os gregos, contudo, não conhecem qualquer santo com este nome. O Martirologio

A Igreja Grega, especialmente em Constantinopla (Tillemont, 1645, p. 342), sempre o teve em grande veneração, e a *exapostilarion* do seu ofício indica a forma como esta comunidade apreciava o seu papel de intercessor junto a Deus.⁹ Ele ainda é citado em diversas orações com outros santos ilustres na *pequena bênção da água* e na oração conhecida como sendo dos *Sete Dormentes*. Da mesma forma, ele é invocado, depois dos Santos Anárgiros, no rito da *προσκομιδή*, a preparação das oblações realizada antes do início da Divina Liturgia (Goar, 1647, p. 62).¹⁰ No Peloponeso, é um dos santos a quem os camponeses recorrem para evitar ou curar as doenças que afligem seus vinhedos.

4. Parece certo, portanto, que o mártir Trifão nada tem a ver com essa narrativa que foi associada a seu nome. Mas também a lenda de sua vida deixa claro porque essa associação foi realizada. Durante a Idade Média bizantina, algum monge pouco educado, que conhecia o papel do santo como exorcista e milagreiro, compôs da melhor forma que pode esta estranha oração, que teve a sorte de ser registrada e ingressar nos livros dos rituais da Igreja. Ela é um exemplo único de registro no *Euclógio* do folclore bizantino e, como tal, merece ser objeto de estudos.

Os gregos, no dia 18 de abril, celebram a memória de um São Trifão que foi arcebispo de Constantinopla por um breve período, de 928 a 931. Ele era um obscuro monge de um mosteiro localizado no fundo do Golfo de Quios, na Bítina, como Lâmpsaco. Eleito patriarca ecumênico na sequência de uma intriga palaciana, foi forçado a renunciar a este posto, retomou a vida monástica e morreu, acreditase, apenas alguns meses depois de retornar ao claustro. (Evangélidès, 1895, p. 331). Talvez seja ele o autor desse exorcismo? Pelo menos, na qualidade de patriarca, poderia tê-lo inserido no *Euclógio* onde agora se encontra. Seja como for, parece-me correto que é na Bítima que devemos procurar o seu lugar de origem.

Romano comemora este duplo martírio no dia 6 de novembro. Sobre o valor histórico da passio de Trifão e de Respício, ver. Delehaye, 1905, p. 137.

⁹ Um *exapostilarion*, ou *exapostearion*, termo derivado do verbo grego *exapostello*, dispensar, é um tropário que segue a oração do cânon do Orthos, o ofício matinal da Liturgia Bizantina. Seu nome deriva do fato de estar relativamente próximo do fim do serviço. Como frequentemente desenvolve o tema de Cristo como a Luz do mundo, também é às vezes chamado de *photogogikon*, hino da luz. (N.T.).

¹⁰ Por outro lado, seu nome foi omitido em Goar, 1647, ps. 88 e 95. Dos três *euclógios* recentemente editados em Atenas, encontrei-o mencionado apenas uma vez, no ofício da *προσκομιδή*.

Referências:

CEILLIER, R. *Histoire generale des auteurs sacrés et ecclesiastiques, qui contient leur vie, le catalogue, la critique, le jugement, la chronologie, l'analyse & le dénombrement des différents editions de leurs ouvrages; ce qu'ils renferment de plus interessant sur le Dogme, sur la Morale & sur la Discipline de l'Eglise; l'histoire des Conciles, tant généraux que particuliers, & les Actes choisis des Martyrs*. Paris: Paulus du Mesnil, 1730.

DELEHAYE, H. *Les légendes hagiographiques*. Bruxelles: Bureaux de la Société des Bollandistes, 1905.

EVANGÉLIDÈS, T. *Οι βιοι τών άγιων*. Atenas: s.e., 1895.

GOAR, J. *Εύχολόγιον sive rituale græcorum complectens ritus et ordines Divinæ Liturgiæ, offiorum, sacramentorum, consecrationum, benedictionum, funerum, orationum & c. cuilibet personæ, statui, vel tempori congruos iuxta usum Orientalis Ecclesie com selectis Bibliothecæ Regiæ, Barberinæ, Cryptæ-Ferratæ, Sancti Marci Florentini, Tillianæ, Allatianæ, Coresianæ, & allis probatis MM. SS. & editis exemplaribus collatum*. Paris: Simeonem Piget, 1647.

KRUMBACHER, K. *Miscellen zu Romanos*. Munique: Akademie der Wissenschaften, 1907.

LAGRANGE, P. M.-J. *Études sur les religions sémitiques*. 2^a ed. Paris: Lecoffre, 1905.

MIGNE, J.-P. (org.). *Patrologiæ cursus completus, bibliotheca universalis, integra, uniformis, commoda, œconomica, omnium SS. Patrum, Doctorum, Scriptorumque Ecclesiasticorum, sive latinorum, sive græcorum... Series Græca Prior... V. 114: Symeonis Logothetæ, cognomento Metaphrastæ, opera omnia: ascetica, parænetica, canonica, historica, hagiographica, magnam partem ex mss. parisiensibus nunc primum græce edita*. Paris: s.e., 1864, t. I.

PARGOIRE, J. *L'Eglise Byzantine de 527 à 847*. Paris: Victor Lecoffre, 1905.

PITRA, J. B. *Anale cta Sacra Spicilegio Solesmensi*. Paris: A. Jouby et Roger, 1876.

TILLEMONT, L.-S. L. N. *Memoires pour servir a l'histoire ecclesiastique des dix premiers siècles, justifiées par les citations des auteurs originaux, avec une chronologie ou l'on fait un abreggé de l'histoire ecclesiastique & profane, & des notes pour éclaircir les difficultez des faits, & de la chronologie*. V. 3: *Qui comprend depuis l'an 177 jusqu'en 253*. Paris: Charles Robustel. 1645.

Εύχολόγιον το Μέγα. Organização do Arquimandrita Zervos, Atenas: Paraskévopoulos & Gráfica da Metropolia Greco-Ortodoxa de Atenas, 1902.

